



ARARIBÁ MAIS HISTÓRIA

Organizadora: Editora Moderna
obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.

Responsável:
Paula Fernandes

Componente curricular:
HISTÓRIA

8

10 ANO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO - TAMANHO REDUZIDO.
VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.

Código da coleção:
0324P20042

MANUAL DO PROFESSOR

 MODERNA

QUESTÕES DO LIVRO
Somente as respostas

A seguinte notícia foi publicada em um *site* em 2014:

EUA reconhecem contributo chinês na ferrovia do século XIX

Os cerca de 12 mil chineses que ajudaram a construir, no século XIX, a primeira linha férrea transcontinental na América do Norte viram finalmente, através dos respetivos descendentes, essa contribuição reconhecida pelos Estados Unidos (EUA). Uma placa alusiva a esse reconhecimento foi colocada na parede de honra do Departamento do Trabalho norte-americano.

Os descendentes desses imigrantes chineses participaram esta sexta-feira de uma cerimônia que celebrou os 145 anos sobre a colocação, no Utah, da última parte da ferrovia que viria a permitir completar a ligação por trens.

EUA reconhecem contributo chinês na ferrovia do século XIX. *Euronews*, 10 maio 2014. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2014/05/10/eua-reconhecem-contributo-chines-na-ferrovia-do-seculo-xix>>. Acesso em: 12 abr. 2018. (Adaptação nossa para o português brasileiro).

- a) Qual é o assunto da notícia?
- b) A linha férrea a que se refere a notícia é conhecida como Pacific Railway. Ela foi construída por duas frentes de trabalhadores. Uma trabalhou a partir do estado de Utah, em direção à costa oeste, e outra a partir do estado da Califórnia, em direção à costa leste. Em 1869, os dois trechos foram unidos. A partir do que você estudou neste Capítulo, responda: Em que frente os trabalhadores chineses atuaram? Explique.

PÁGINA
39 –
Questão
04 -
letras a
e b

PÁGINA 32 – questões 1, 2, 3 e 4



documento

O TRABALHO DAS CRIANÇAS

Nas primeiras fábricas de tecido inglesas, era muito comum que crianças trabalhassem por longas horas. Sarah Carpenter foi uma delas. Sarah passou a viver e a trabalhar em uma tecelagem em Derbyshire quando tinha dez anos de idade. Muito tempo depois, deu este depoimento sobre sua experiência.

Nossa refeição mais comum era bolo de aveia. Era pesado e grosseiro. Esse bolo era colocado em latas. Leite fervente e água eram misturados a ele. Esse era nosso café da manhã e nossa ceia. Nosso jantar era torta de batata com *bacon* cozido, um pouco aqui e um pouco lá, tão grosso de gordura que mal dava para comer, embora tivéssemos fome o suficiente para comer qualquer coisa. Chá, nunca vimos, nem manteiga. Comíamos queijo e pão preto uma vez ao ano. Só nos permitiam três refeições por dia, apesar de nos levantarmos às cinco da manhã e trabalharmos até as nove da noite.

[...]

Existia um contramestre chamado William Hughes [...]. Ele veio até mim e me perguntou o que meu maquinário fazia parado. Eu disse que não sabia porque não tinha sido eu quem o havia parado [...]. Hughes começou me batendo com uma vara, e [...] eu disse para ele que minha mãe ficaria sabendo disso. Então, ele saiu para buscar o mestre, que passou a lidar comigo. O mestre começou a me bater com um pau na cabeça até que ela ficasse repleta de caroços e de sangue. Minha cabeça ficou tão ruim que eu não consegui dormir por um longo tempo [...].

ENTREVISTA a Sarah Carpenter. *The Ashton Chronicle*, 23 jun. 1849.

Citado em: Spartacus Educational. Disponível em: <<http://spartacus-educational.com/IRcarpenter.htm>>. Acesso em: 17 maio 2018. (Tradução nossa).

- 1 Quando Sarah Carpenter deu esse depoimento e para quem o fez?
- 2 Quantas horas as crianças trabalhavam na fábrica por dia, segundo o depoimento?
- 3 Você considera que a alimentação e as horas de descanso que as crianças tinham eram adequadas? Por quê?
- 4 Uma situação como essa seria possível nos dias de hoje? Explique.



PÁGINA

41 –

questões

3 e 4

Hábitos globalizados

Por que certos povos utilizam produtos que não fazem sentido para sua realidade e sua cultura? Para exibir ao mundo uma aparência de requinte, de riqueza? Essa é uma questão bastante complexa. O historiador Nicolau Sevcenko nos dá algumas pistas para pensar sobre ela:

As pessoas são aquilo que consomem. O fundamental da comunicação – o potencial de atrair e cativar – já não está mais concentrado nas qualidades humanas da pessoa, mas na qualidade das mercadorias que ela ostenta [...].

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 63-64.

Na atualidade, com a globalização, muitos hábitos de consumo também se globalizaram. Existem lojas de redes mundiais de *fast-food* nos mais remotos rincões do planeta. Quanto ao vestuário, a produção é feita de forma industrial na maior parte dos países, o que estabelece certa padronização nos estilos de se vestir, ao menos na moda do dia a dia.

Esse contexto se estende a outros produtos. É comum que as redes internacionais de lanchonetes, ao se instalar no Brasil, por exemplo, insiram produtos nacionais no cardápio, para agradar os consumidores locais e aproximar-se dos gostos e do paladar do brasileiro. O pão de queijo, o “pão na chapa” e a tapioca, por exemplo, aparecem no cardápio das redes em algumas regiões do país.

- 3 Escreva um parágrafo relacionando as ideias do historiador Nicolau Sevcenko ao consumo de produtos e ideias “importados”. Você já viveu alguma experiência que se relacione a essa situação? Descreva.
- 4 Em sua opinião, os brasileiros de hoje consomem muitos produtos “importados”, que influenciam nossos gostos e nossas preferências? Essa influência é negativa ou positiva? Em que condições o consumo desses produtos é consciente?